

ESPECIARIA

Cadernos de Ciências Humanas,
v. 20, ano 2023 | ISSN: 2675-5432

Linguagem e intersubjetividade em Donald Davidson e Merleau-Ponty

Antonio Balbino Marçal Lima

Professor Assistente da Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC.
Tem experiência na área de Filosofia Contemporânea (Fenomenologia, Merleau-Ponty) Antropologia, Filosofia e Ensino.
<https://orcid.org/0009-0008-0244-6942>

Recebido em: 13/11/2023
Aprovado em: 20/11/2023
Publicado em: 22/09/2023

Linguagem e intersubjetividade em Donald Davidson e Merleau-Ponty

Antonio Balbino Marçal Lima¹

Resumo

O escopo deste artigo é argumentar que uma comparação entre o filósofo francês Maurice Merleau-Ponty e o americano Donald Davidson nos dá uma grande oportunidade de avançar ainda mais no diálogo entre as tradições continental e analítica. A partir das noções de linguagem e intersubjetividade procura-se mostrar que, embora as diferenças entre esses dois autores já foram amplamente discutidas na literatura acadêmica, suas semelhanças permanecem ignoradas em muitos aspectos importantes. Nossa argumentação terá como fio condutor pensar a relação entre a percepção e o mundo das operações linguísticas.

PALAVRAS-CHAVE: Merleau-Ponty; Davidson; linguagem; mundo; intersubjetividade.

Abstract

The goal of this paper is to argue that a comparison between the French philosopher Maurice Merleau-Ponty and the American philosopher Donald Davidson gives us a great opportunity to further advance the dialogue between the continental and analytical traditions. Starting from the notions of language and intersubjectivity, we intend to show that, although the differences between these two

¹ Professor do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas (DFCH), Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

authors have already been widely discussed in academic literature, their similarities remain ignored in many important aspects. The present discussion will be guided by a reflection on the relation between perception and the world of linguistic operations.

KEYWORDS: Merleau-Ponty, Davidson, Language, world, intersubjectivity.

(...) Se um falante quer ser compreendido, ele tem que querer que as palavras sejam interpretadas de um certa maneira e tem, logo, que querer fornecer à sua audiência as pistas de que ela necessita para chegar à interpretação almejada (Donald Davidson).

A comunicação pressupõe um sistema de correspondência tal como o que é dado pelo dicionário, mas ainda vai além, e é a frase que dá seu sentido a cada palavra; é por ter sido empregada em diferentes contextos que a palavra pouco a pouco se carrega de um sentido que não é absolutamente possível fixar (Merleau-Ponty).

I.

A importância da linguagem para a filosofia contemporânea pode ser constatada pelo número de filósofos no século XX que a ela dedicaram atenção. Para a filosofia tradicional, a linguagem importava enquanto tradução de um pensamento que buscava a expressão adequada daquilo que tencionava revelar. A linguagem, destarte, funcionava exterior à interrogação filosófica, servindo apenas como instrumento do pensamento e, muitas vezes, entendida como barreira à manifestação das ideias. Donald Davidson e Maurice Merleau-Ponty foram dois pensadores que tomaram a questão da linguagem como uma de suas principais preocupações filosóficas.

Este trabalho tem como objetivo discutir a questão da linguagem e da intersubjetividade em Donald Davidson e Maurice Merleau-Ponty. Mesmo partindo de “terrenos” diferentes, é possível encontrar pontos de aproximações

entres os dois filósofos acerca de questões como linguagem e conhecimento². Ao longo do texto, serão apresentados e discutidos argumentos que corroborem tal aproximação. A questão que servirá como fio condutor no decorrer do texto é a seguinte: qual a relação entre a percepção e o mundo das operações linguísticas? Ou, em outras palavras, qual é a relação entre as nossas crenças ou os pensamentos em geral e a experiência perceptiva do mundo que dá origem àquelas crenças? (MALPAS, 2005).

De início, um ponto em comum entre Davidson e Merleau-Ponty é a oposição à subjetividade cartesiana, à ideia de sujeito solipsista. Tem-se em Descartes, especificamente nas *Meditações metafísicas*, um novo conceito de mente que passa a ser definido em Descartes como subjetividade. O argumento de Davidson contra o subjetivismo é o externalismo. Tal argumento e sua filosofia da linguagem dependem de sua concepção do mental na sua relação com o mundo. Ora, só há conteúdo mental (pensamento) porque estamos no mundo, pois não pode haver pensamento no vazio. Como argumenta Davidson em seu texto *Compreender a própria mente*: “os pensamentos não são átomos isolados, logo, não pode haver regras simples e rígidas para a articulação correta de um pensamento” (DAVIDSON, 1987, p. 7). Mas não basta apenas que haja o mundo, é preciso que haja também os outros. Daí surge uma noção significativa em Davidson: a triangulação, que será abordada adiante. Só há crenças, para ele, com esses três elementos, o eu, o outro e o mundo.

² A relação entre a filosofia analítica e a tradição continental, especialmente a fenomenológica, tem raízes profundas que merecem ser visitadas. Podemos encontrar o contato entre Ryle e Merleau-Ponty, por exemplo, que eram contemporâneos e se dedicaram à análise de muitos temas comuns. Aqui, interessa-nos centrar na relação entre Davidson, que desenvolve sua posição num quadro filosófico especificamente “analítico”, e Merleau-Ponty, que discute no interior da filosofia fenomenológica. O livro *Analíticos e continentais*, de Franca D’Agostini, publicado em 2003, pela editora Unisinos, é uma robusta introdução.

Merleau-Ponty afirma que pela percepção, além da reflexão sobre si mesmo, o sujeito descobre a presença do outro, fato esse totalmente desvalorizado pelo cogito cartesiano. Esse ensinava que “o eu só é acessível a si mesmo”, uma vez que o eu se define pelo pensamento que sou capaz de realizar sobre mim mesmo, e, além disso, sou o único capaz de obter esse pensamento sobre mim mesmo. Merleau-Ponty discorda dessa posição, pois acredita que para o outro existir realmente para mim, é necessário que a existência não seja simplesmente consciência de existir através do corpo, mas que esse olhar do outro possa trazer uma existência. A existência se manifesta na medida em que estamos no mundo, uma vez que estamos condenados aos sentidos. Intersubjetividade e subjetividade, portanto, formam uma unidade, pois a cada instante se assiste ao prodígio da conexão das experiências.

Ao estudar no curso ministrado na Sorbonne *Les relations avec autrui chez l'enfant*, Merleau-Ponty pergunta “como posso perceber, através do corpo, por assim dizer, um psiquismo estranho?” (MERLEAU-PONTY, 1964, p. 7). Davidson, por outro lado, pergunta: como o conhecimento de outra mente é possível? No texto *Três variedades de conhecimento*, ele afirma:

Conhecimento de outra mente é possível, contudo, apenas se alguém tem conhecimento do mundo, pois a triangulação, que é essencial para o pensamento, requer que os participantes na comunicação reconheçam que eles ocupam posições em um mundo compartilhado. Então, o conhecimento de outras mentes e o conhecimento do mundo são mutuamente dependentes; nenhum é possível sem o outro (DAVIDSON, 1987, p. 14).

A investigação na direção da intersubjetividade teve início em Merleau-Ponty, com a leitura das *Meditações cartesianas*, com a questão do corpo, através da qual Husserl procurava uma saída do solipsismo transcendental pela intersubjetividade. Mas é pela percepção, além

da reflexão sobre si mesmo, que o sujeito descobre a presença de um outro, fato esse totalmente desvalorizado pelo *cogito* cartesiano. Segundo Merleau-Ponty, o *cogito* cartesiano concebia que o “eu só é acessível a si mesmo” (MERLEAU-PONTY, 1996, p. 9), uma vez que o eu se define pelo “pensamento que sou capaz de realizar sobre mim mesmo”. O filósofo discorda de Descartes, pois acredita que para o outro existir realmente para mim, é necessário que a existência não seja simplesmente consciência de existir por intermédio do corpo, mas que esse olhar do outro possa trazer também uma existência na qual percebo intencionalidades, posicionamentos diferentes do meu.

Na abertura essencial para o mundo, o ser humano depara-se com outros e comunica-se com eles pela linguagem. Eu apreendi a mim, mesmo não sendo puramente coisa nem puramente sujeito, mas como ser em tensão dialética. O meu corpo, diz Merleau-Ponty, como ser aberto para o mundo, põe-me em contato com qualquer coisa que não se manifesta apenas como coisa, mas como “portador de um comportamento”. Na minha abertura para o mundo, encontro corpos que se comportam como o meu, através da sua cultura, das suas reações, da sua linguagem. Assim, eu sou um corpo que, na sua abertura para o mundo, coincide não só com as coisas, mas também e, sobretudo, com os outros. A síntese ambígua entre o eu e o outro se torna mais evidente pela linguagem, como nos afirma o próprio filósofo: “existe sobretudo um objeto cultural que vai desempenhar um papel essencial na percepção do outro: é a linguagem” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 407).

Merleau-Ponty interessa-se, então, pela natureza e função da linguagem, manifestando o caráter dialético em relação ao pensamento e em relação ao outro, já que pensamento e linguagem são um todo dialético. A linguagem não é um mero sinal do pensamento. Não há separação entre pensamento e linguagem. E essa união é tão íntima que o sentido está integrado na palavra, e a palavra é a existência exterior do sentido. Assim, palavra

e sentido completam-se e incluem-se mutuamente. Uma ideia, para ser compreendida, é preciso ser dita, e o que é dito é compreendido. Ora, pela sua função essencial, a linguagem é o elemento fundamental da mútua coexistência: “na experiência do diálogo, constitui-se, entre o outro e o eu, um terreno comum, o meu pensamento e o dele fazem um único tecido” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 407).

II.

A argumentação de Davidson acerca da linguagem passa também pelo clássico problema corpo-mente, isto é, pela concepção do mental na sua relação com o mundo. Não há dualismo, pois, para ele, o mental e o físico correspondem a dois modos de descrever e entender eventos e estados particulares, não são dois modos de ser.

A tese central de Davidson é a de que existe a minha mente, existe a mente dos outros e existe o mundo. Dessa tese surge o problema: estudar as relações entre minha mente, a mente do outro e o mundo físico. A argumentação de Davidson parte do pressuposto de que nossa mente depende da interação com os outros e com a linguagem, e a verdade de uma elocução só depende de duas coisas: de que as palavras significam e de como o mundo está ordenado.

Davidson introduziu na filosofia da mente a posição conhecida por monismo anômalo, provocando um debate sobre a relação entre as descrições mentais e físicas de pessoas, e sobre a possibilidade de uma explicação genuína de acontecimentos em termos de propriedades psicológicas. Assim, Davidson prosseguiu, alargando os estudos de Quine sobre a linguagem, concentrando-se na interpretação radical, argumentando que o método de interpretar uma linguagem pode ser concebido como uma construção de uma definição de verdade, na qual se torna clara a contribuição sistemática dos elementos das frases para o seu significado global. A construção se faz

no contexto de uma teoria, em geral holista, do conhecimento e do significado. Um intérprete radical pode dizer quando um sujeito toma uma frase como verdadeira, e, usando o princípio de caridade, acaba por atribuir condições de verdade às frases individuais. Para Davidson, o que determina a posse de um conceito não é ser membro de uma comunidade particular linguística, mas a aquisição de disposições através do contato crucial com os objetos e eventos no ambiente social.

Apesar de Davidson ser um defensor das doutrinas da indeterminação da tradução radical e da inescrutabilidade da referência, muitos filósofos acharam que a sua abordagem oferece alguma esperança de identificar o significado como uma noção respeitável, mesmo no âmbito de uma perspectiva em geral extensional da linguagem. Davidson é também conhecido por rejeitar a ideia de um esquema conceptual concebido como algo peculiar a uma linguagem, ou a uma maneira de ver o mundo, argumentando que onde para a possibilidade da tradução, para também a coerência da ideia de que há algo a traduzir.

A questão da triangulação em Davidson é influenciada por Quine. Porém, mais do que recuperar essa teoria, Davidson a tomará como base para pôr de pé um argumento em favor da dependência do pensamento em relação à linguagem. Para Davidson, o pensamento depende da linguagem. Mas, o que ele entende por pensar? Para ele, pensar nada mais é do que possuir atitudes proposicionais. E as atitudes proposicionais são os estados mentais que possuem por objeto, ou conteúdo, uma proposição. Portanto, crenças, desejos, temores e intenções são exemplos de tais estados. Então, pensamos quando tememos, cremos, desejamos algo etc. Pensamentos possuem um conteúdo, não podem ser vazios. Em *As condições de pensamento*, Davidson começa com uma pergunta: “quais são as condições necessárias para a existência do pensamento e, como isso, em particular, para a existência de outras pessoas que tenha pensamentos?”. Em seguida afirma:

Creio que não poderia haver pensamentos em uma mente se não houvesse outras criaturas pensamentos com as quais tal mente compartilhasse um mundo natural. Por pensamento entendo um estado mental com um conteúdo especificado. Eis alguns exemplos: a crença de que isso é um pedaço de papel; a intenção de falar devagar e com clareza; a dúvida se amanhã será um dia ensolarado (DAVIDSON, 2005, p. 1).

O aspecto social da linguagem, segundo Davidson, é o elemento essencial (mais que a significação) no processo de comunicação. O filósofo aborda a relação entre nosso conhecimento do espírito dos outros, em particular de suas crenças, e do nosso conhecimento de eventos, estados e objetos físicos. Ele sustenta que o sentido emerge através da intenção do sujeito no ato comunicativo, que não é necessariamente predeterminado. Assim, quando há consenso entre duas pessoas no processo de comunicação, existe acordo de opiniões e a dúvida é eliminada.

[...] Se um falante quer ser compreendido, ele tem que querer que as palavras sejam interpretadas de uma certa maneira e tem, logo, que querer fornecer à sua audiência as pistas de que ela necessita para chegar à interpretação almejada. Isto é válido tanto no caso de o ouvinte dominar o uso de uma língua que o falante sabe como no caso de o ouvinte ser um aprendiz de uma língua materna. É o requisito da aprendibilidade, da interpretabilidade, que fornece o fator social irredutível e que mostra porque é que uma pessoa não pode dizer seja o que for com palavras que não possam ser corretamente decifradas por outra (DAVIDSON, 1987, p. 7).

Davidson, portanto, propõe um modelo de triangulação que liga o locutor e o intérprete aos objetos do mundo. Esses três elementos ocupam os pontos extremos de um triângulo:

existem três tipos de conhecimento correspondendo aos três vértices do triângulo: o conhecimento de nós próprios espíritos, o conhecimento dos outros espí-

ritos, e o conhecimento do mundo compartilhado. Contrariamente ao empirismo tradicional, o primeiro destes saberes é o menos importante, pois se nós o temos, temos também os outros (DAVIDSON, 2001, p. 131).

Assim, para Davidson, a ideia de que o conhecimento deveria ter um fundamento é absurda. Basta lembrar o conceito de verdade proposto por ele. Destarte, Davidson sustenta que existe uma diferença fundamental entre o meu conhecimento de outro espírito e aquela do mundo físico compartilhado. A comunicação e o conhecimento de outros espíritos que ela pressupõe são a base do nosso conceito de objetividade, de nosso reconhecimento de uma distinção entre crença verdadeira e crença falsa. A comunicação com outros espíritos é a base do conhecimento; ela fornece a medida de todas as coisas.

Para Merleau-Ponty, pensamento e palavra são intercambiáveis:

são correias de transmissão, estímulos um para o outro. Todo pensamento vem das palavras e para elas regressa, toda palavra nasce em pensamento e termina. Não há o pensamento e a linguagem: examinando-os verificamos que cada uma das duas ordens se desdobra e lança um tentáculo para outra (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 26).

A linguagem não é tratada pelo filósofo como sendo exterior ao pensamento ou como sua vestimenta. Ao fazer parte do mundo da experiência, a linguagem é uma faculdade do mundo sensível, familiar a nós. A filosofia merleau-pontyana mostra que a linguagem surge da mesma estrutura figura-fundo, como ocorre em nossa percepção. As palavras, tal como as peças de um mosaico, só se deixam compreender pela interação dos signos que, isolados, são equívocos e banais e apenas em reunião fazem sentido (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 26).

Em Davidson, a triangulação é um evento empírico que ocorre numa situação, a saber, quando pelo menos duas pessoas conversam. Como nos mostra Jeff Malpas:

[...] a triangulação, então, depende, do modo pelo qual o intérprete, o interlocutor e a entidade ou evento aparecem juntos dentro de uma mesma circunstância ambiental particular, posto que a triangulação é em si uma questão de articulação e integração dos elementos apareçam juntos deste modo (MALPAS, 2005, p. 36).

A triangulação desempenha, para Davidson, um argumento em favor da dependência do pensamento em relação à linguagem. Assim, só os seres capazes de comunicar por meio da linguagem poderiam pensar. A triangulação é essencial para o pensamento e requer que os participantes na comunicação reconheçam que eles ocupam posições em um mundo compartilhado. A triangulação depende do modo pelo qual o intérprete, o interlocutor e a entidade ou evento veem juntos dentro de uma circunstância ambiental particular, posto que a triangulação é, em si mesma, uma questão de articulação e integração dos elementos apareçam juntas desse modo (MALPAS, 2005).

Para Merleau-Ponty, a comunicação só é possível graças à maleabilidade de significados dos signos linguísticos, e não apesar disso. A comunicação, então,

pressupõe um sistema de correspondência tal como o que é dado pelo dicionário, mas ainda vai além, e é a frase que dá seu sentido a cada palavra; é por ter sido empregada em diferentes contextos que a palavra pouco a pouco se carrega de um sentido que não é absolutamente possível fixar (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 445).

Por essa maleabilidade do significado, é extremamente problemática, em Merleau-Ponty, a tradução direta de um texto por computador. O mundo da palavra não é entendido, nesse contexto, como uma forma de comunicação clara, perfeita, mas entremeada de silêncios, lacunas e desvios, sem que, contudo, sejam compreendidos como entrave para a comunicação. Para compreendermos as palavras, não necessitamos consultar um dicionário interior que nos dê pensamentos puros, diz o filósofo.

É preciso apenas que iniciemos a comunicação, utilizando as palavras que nos vêm à mente para logo estarmos rodeados de sentidos. Essa ideia acerca da linguagem, na *Fenomenologia da percepção*, parece muito com a questão da triangulação de Davidson.

III.

Apensar de tratar aqui de pensadores de diferentes “terrenos”, é possível perceber que há em Donald Davidson e Merleau-Ponty um ponto interessante: a simples percepção do que está acontecendo no mundo não é baseada em evidências ulteriores. Para Davidson, minhas crenças perceptuais são simplesmente causadas diretamente pelos eventos e objetos ao meu redor: meu conhecimento dos conteúdos proposicionais de outras mentes não é nunca imediato nesse sentido; eu não teria acesso algum ao que os outros pensam e valorizam, se eu não pudesse notar seu comportamento.

Seguindo a indicação de Malpas, pode-se perceber um ponto interessante que nos permite aproximar Davidson e Merleau-Ponty; quando ele se refere ao “realismo cotidiano”, que consiste na ideia de que o ponto de partida para a filosofia é o nosso envolvimento ordinário com o mundo, cotidiano com o mundo. Esse realismo atribuído por Malpas (2005, p. 12) a Davidson é um realismo

que não deriva de uma garantia metafísica da verdade das nossas crenças. De fato, o caso é totalmente oposto – a concepção davidsoniana da crença e das nossas atitudes em geral é determinada e justificada apenas e através das características particulares e contingentes de nossa localização mundana que sustenta tal realismo.

Assim, segundo Malpas, o realismo davidsoniano “não renuncia ao mundo”, pelo contrário, devolve-nos para ele através do abandono da ideia de que o mundo é qualquer

coisa além do que é dado no e através do nosso envolvimento contínuo e cotidiano com as coisas ou que as nossas crenças podem estar baseadas em alguma coisa que não seja o envolvimento cotidiano. Em Merleau-Ponty, temos a *fé perceptiva*, que nada mais é do que a crença inabalável de que estamos no mundo, percebemos esse mundo, nele vivemos concreta e não ilusoriamente. A fé perceptiva é a vivência silenciosa, a aceitação realista e ingênua do mundo.

Referências

BONOMI, Andréa. *Fenomenologia e estruturalismo*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DAVIDSON, Donald. "Knowing One's Own Mind." *Proceedings and Addresses of the American Philosophical Association*, v. 60, n. 3, p. 441-58, 1987. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3131782>. Acesso em: 9 nov. 2023.

DAVIDSON, Donald. *A Coherence Theory of Truth and Knowledge e Afterthoughts*. Oxford: Clarendon Press, 2001. p. 137-57.

DAVIDSON, Donald. *Ensaio sobre a Verdade*. São Paulo: Unimarco Editora, 2002.

DAVIDSON, Donald. Three varieties of knowledge. In: GRIFFITHS, A. Phillips (ed.). *Royal Institute of Philosophy Supplement*. New York: Cambridge University Press. 1991. p. 153-166.

KOLOS KOV, D. The World of Truth: On Merleau-Ponty and Davidson's Holistic Arguments. *Meta: research in hermeneutics, phenomenology, and practical philosophy*, v. XII, n. 2, p. 320-345, dec. 2020. Disponível em: http://www.metajournal.org/articles_pdf/320-345-koloskov-meta-2020-no2.pdf. Acesso em: 15 out. 2023.

MALPAS, Jeff. Não renunciar ao mundo: Davidson e os fundamentos da crença. In: SMITH, P; SILVA FILHO, W. J. (Orgs.). *Davidson e a Filosofia*. Tradução de C. Bacelar. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MALPAS, Jeff. “Donald Davidson”, *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Fall 2019 Edition), Edward N. Zalta (ed.). Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/fall2019/entries/davidson/>.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Phénoménologie de la perception*. Paris: Edition Gallimard, 1945.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Les relations avec autrui chez l’ enfant. *Bulletin de psychologie*, tome 18, n. 236, 1964. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/bupsy_0007-4403_1964_num_18_236_7462. Acesso em: 7 out. 2023.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *A prosa do mundo*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1974.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Merleau-Ponty na Sorbonne*: resumo de cursos de filosofia e linguagem. Tradução de Constança M. César. Campinas-SP: Papyrus, 1990.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Signos*. Tradução de Maria Ermatina G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *A prosa do mundo*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

ORLANDI, L. B. *A voz do intervalo: Introdução ao estudo do problema da linguagem na obra de Merleau-Ponty*. São Paulo: Ática, 1980.

Sobre o autor:

Antonio Balbino Marçal Lima

Professor Assistente da Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC. Tem experiência na área de Filosofia Contemporânea (Fenomenologia, Merleau-Ponty) Antropologia, Filosofia e Ensino.